APRESENTAÇÃO: DOSSIÊ INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

Profª. Drª. Altina Abadia da Silva[1]
Profª. Drª. Maria do Carmo Morales Pinheiro[2]

Luca (6 anos): Mãe, a gente só pode pensar o que existe na realidade né?
Mãe: Depende filho. A gente pode pensar o que a gente quer que vire realidade.
Luca (olhos brilhando): Ah! Então foi isso que você fez comigo mamãe?!
Mãe: É meu amor! Exatamente isso!

O Núcleo de Estudos Infância e Educação (NEPIE)[*] do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás nasceu há 11 anos, suscitado, sobretudo, pelo modo provocante de ser e de estar no mundo tão peculiar às crianças, tal como vemos nos vagares de Luca acerca do pensamento humano. O que as professoras que o iniciaram desejavam, naquele momento, era dar vazão ao alargamento do ver, do pensar e do sentir de professores/as e estudantes interessados/as no tema da infância e de suas relações com a educação. Assim, em função desse *querer*, o NEPIE foi parido e virou realidade, assim como fazemos com uma criança. Hoje, ao comemorarmos sua ininterrupta existência, o fazemos, também, por meio deste dossiê, que traz à lume o tema que lhe deu vida e alimentou até aqui: Infância e Educação.

Algumas das preocupações que movem o NEPIE podem ser expressas nas seguintes perguntas: Como se educa a infância no contemporâneo, ou seja, em pleno século XXI, principalmente se se quer sair do século XX? Será que já abandonamos as velhas fórmulas do viver e do educar, ou nelas ainda nos pautamos para dar *forma* aos habitantes recém-chegados a esse mundo? Como é que lidamos com nossas heranças, com o hoje e com o porvir? Como podemos pensar práticas pedagógicas que deem vazão a uma educação que considere a necessidade de fortalecer o corpo infantil e tudo que dele emana, ao invés de enfraquecê-lo em nome de uma pretensa civilidade que tende a debilitar e, com isso, homogeneizar corpos e

[1] Professora do Departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Infância e Educação (NEPIE/UFG/CAC). e-mail: tina@wgo.com.br
[2] Professora do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Vice-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Infância e Educação (NEPIE/UFG/CAC). E-mail: carmopin@gmail.com
[*] Site: http://www.cec.catalao.ufg.br/nepie/

pensamentos? Somos ainda capazes de propor uma educação afeita à produção de corpos-pensantes porque essencialmente sonhantes?

> Quem sonha em vigília, (...) compreende a palavra invenção. Sabe que não há mundo pronto. A realidade não é algo acabado cujo peso temos que carregar. A realidade é produção desejante, não acomodação resignante. (FUGANTI, 2008)

Boas chances de sonhar em vigília não se dariam nos exercícios do brincar e da arte? Quando o NEPIE defende a arte, o corpo e o brincar como vetores essenciais de práticas educativas, inclusive para que potencializem modos de produção de saber e de invenção do mundo, é no sentido de que fortaleçam a expansão da vida e da alegria dos infantes, na contramão do *mais do mesmo* historicamente conhecido em educação: que silencia e invisibiliza os corpos-criança-pulsantes.

Uma arte (e um brincar) que suscita possibilidades de expressão do corpo-pensamento incita (e excita!) a criação e a multiplicidade de ângulos e de vozes, pois impele o andar em direção ao inusitado, sem submissão aos lugares-comuns e aos hábitos, enfim, aos clichês que nos automatizam. Uma educação que autorize e potencialize as diferentes vozes dos corpos infantis a se manifestarem e ganharem alcance, também nos educa a nós, educadores/as: a uma escuta polifônica e a um olhar polissêmico, mais atentos e disponíveis a fazer dos processos educativos, pequenas aventuras sem um porto seguro onde atracar, mas com muita ousadia e sensibilidade para navegar.

O que este dossiê oferece aos/às leitores/as é, também, um múltiplo de vozes e de olhares acerca de processos educativos que incluem desde os cuidados com os bebês e seu desenvolvimento, passando por pedagogias que usam o brincar como mais um meio de enquadrar a criança, mas também outras, que mergulham no brincar como possibilidade de auto-criação e, assim, de outra educação, até aportar nos difíceis processos de formação de professores/as para atuarem na Educação Infantil.

O primeiro texto, **A emergência do novo no ensinar-aprender das crianças**, de Bernd Fichtner, a partir da abordagem histórico-cultural de Vigotski, discute a estrutura circular dos movimentos do corpo do bebê, o gesto de apontar e a *atenção conjunta*. Tais processos são parte de uma sociabilidade constitutiva do bebê, pois é a partir da interação com o outro e seu mundo de linguagem que os significados e, assim, o pensamento, tomam forma e adquirem os contornos próprios da cultura de ambos. Além disso, Fichtner destaca a emergência da imaginação na brincadeira de faz-de-conta como o potencialmente *novo* na relação dialética aprender-ensinar. Assim, o bebê é tido como pesquisador ativo, que ao agir sobre os objetos e

sobre os outros, também é agido e, para isso, seu corpo e capacidade mimética são fundamentais, tanto quanto as relações que os mais experientes com ele estabelecem. Para Fichtner "num contexto social se aprende só quando ao mesmo tempo se ensina (o bebê como professor genial da sua mãe)" e, diante disso, pergunta: "será que na brincadeira de faz-de-conta as crianças estão criticando os adultos ensinando algo novo para essa geração?".

Na sequencia, **Gestos de carinho: corpo e afeto no desenvolvimento da criança**, assinado por Maria Nazaré da Cruz, versa sobre tema pouco pensado na Educação: a questão do afeto em sua relação com certa educação corporal implicada nos cuidados com os bebês em instituições de Educação Infantil. Ancorada em Bakhtin e Vigotski, a autora analisa dois episódios em que os cuidados com os bebês em uma creche destacam a participação do corpo e dos afetos na sua constituição cultural. Cruz sublinha: "A noção de valor do próprio corpo, construída pela criança na relação com os adultos, pode ser afetivamente marcada por empatia, acolhimento, confiança ou, então, por frieza, rigidez, insegurança, a depender dos modos de participação dos adultos nesta relação", o que pede uma elaboração bastante qualificada a respeito das práticas educativas de cuidado, justamente para que não se caia na armadilha de minorar a atenção ao corpo e às demandas afetivas das crianças em situação de creche.

Yara Couto, em seu artigo **A arte, o jogo, a dança e a brincadeira: dos primórdios lúdicos aos processos de civilização e cultura**, elucida aspectos referentes à concepção lúdica na vida humana. Referendada nos escritos de Huizinga, Câmara Cascudo e Norbert Elias, enfatiza as manifestações e relações entre arte, jogo, dança e brincadeira, desde os primórdios aos processos de civilização. A autora trata "a energia lúdica como potência propulsora que gera e nutre, permitindo ao ser humano seguir seus impulsos vitais, confrontado por um mundo desafiante e em constante movimento". Desdobra-se, assim, o reconhecimento de nossas tradições dançadas, cantadas e poetizadas, quando as crianças tornam o brincar um verdadeiro encontro de relações entre várias gerações e formas de conhecimento, o que destaca a importância das interações socioculturais, das emoções e do movimento, do pensamento e da linguagem, das brincadeiras e da criatividade. Da tradição à tradução, da tradução à criação, os jogos, as danças e as brincadeiras combinam conhecimentos, mobilizam histórias, mitologias, geografias, músicas, ritmos, gestos, movimentos que estruturam nossa identidade. É um processo evolutivo, civilizador e criador, que não parte de um ponto específico ou único, mas que se manifesta na necessidade lúdica e originária de apropriação e emancipação humanas.

Ainda na esteira do lúdico, o artigo **Mais histórias de brincação: outras explorações de brincares na literatura brasileira**, de Tarcísio Mauro Vago, aborda uma face bem provocativa do fenômeno brincar: se, por um lado, ele é ocasião de reprodução de situações de dominação, hábitos e modos de ser das sociedades e culturas em que se localiza, por outro, ele também é espaço para o exercício de subversão dessa dominação (dessa realidade), de acordo com os modos da criança se relacionar com a natureza, com os objetos e com os pares. Na literatura de José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, e de Carmem Lúcia Oliveira, *Trilhas e Quintas*, Vago busca sinais desestabilizadores das "representações sobre o lugar da escola na produção da infância". Com base nas personagens dessas estórias de brincação, é ensaiada a ideia de que nelas outra experiência se desenha, com um modo singular das crianças se posicionarem frente às referências culturais modelares. Assim, o "potencial de desordenamento do real" intrínseco à brincadeira, apresenta a infância, também, como "insubmissão estética das crianças, a relativizar o lugar e a força da educação escolar em suas experiências. Infância criadora, transgressora, desviante, desordenadora, desestabilizadora", o que, em nossa compreensão, é essencial para pensarmos outra Educação da Infância.

O quinto texto, assinado por Alexandre Fernandes Vaz, Ana Cristina Richter, Jaison José Bassani e Viviane Nazário Cardoso, intitula-se **A brincadeira: eixo pedagógico da Educação Infantil e abordagens na Educação Física**. A partir de pesquisa empírica feita em duas instituições públicas de Educação Infantil de Florianópolis, e que reuniu análise documental, cenas de situações de brincadeira e falas de professoras de Educação Física, os autores problematizam as abordagens que justificam a brincadeira como eixo pedagógico da Educação Infantil. Em suas análises, a brincadeira se situa entre os moldes da recreação que distrai, regra e disciplina os corpos infantis, os moldes da dimensão motriz do corpo, calcada numa visão etapista da infância, e os moldes de uma pedagogia do corpo que tende ao domínio sobre a natureza, e, assim, civiliza o corpo. Nesse sentido, a brincadeira como eixo pedagógico desenvolvido por professoras de Educação Física parece participar de "um projeto unificador que acaba por promover uma adaptação do pensamento ao existente e a conduzir as ações dos sujeitos" de modo a escamotear as relações de poder que os produzem como tais.

No artigo **'Civilizar a Infância': Relações entre adultos e Crianças no Espaço Pedagógico da Educação Infantil**, Eliana Ferreira e Magda Sarat, ponderam que a criança e a infância participam de diferentes espaços sociais, portanto, a sua educação é concebida de diversas formas. Cada grupo com sua cultura prescreve modelos de civilidade, tanto nas práticas da vida cotidiana, como nas instituições modelares da vida social. Assim, o conceito de civilização é tratado à luz das teorias de Norbert Elias, o que inclui as relações travadas no

cotidiano de adultos e crianças, destacando-se o aspecto da linguagem. Conforme Elias, embora a linguagem seja marca característica do próprio grupo, é sempre possível lhe atribuir diferentes e novos significados. É, pois, esse o exercício de leitura das autoras, que buscam novos sentidos e significados para compreender as inúmeras manifestações de linguagem e expressão de crianças pequenas, os sujeitos da investigação descrita nesse artigo. Para tanto, analisam as relações de poder geradas no interior de um Centro de Educação Infantil de Dourados/MS, enfocando os espaços de participação de crianças e adultos nas práticas educativas. Assim, são evidenciados os aspectos mais recorrentes nas falas e interlocuções de crianças e de adultos em relação às ações cotidianas. A partir disso, as autoras consideram que a criança e a infância devem ser tomadas como foco principal nas reflexões acerca da ação pedagógica cotidiana que as envolve, motivo pelo qual tal ação precisa pautar-se em suas vozes e manifestações, respeitando seus modos de ver, pensar e sentir o mundo.

O último artigo **Formação de professores em diferentes contextos: historicidade, desafios, perspectivas e experiências formativas na Educação Infantil,** de Ivone Garcia Barbosa, marca que desde a década de 1980, a formação dos profissionais da Educação Infantil ocupa posição destacada na educação brasileira, ampliando-se sua ênfase na legislação, nas políticas públicas, na atuação dos movimentos sociais e na produção científica. A historicidade e as contradições na formação de professores/as para a educação de crianças de zero a seis anos, *o Pro Infantil*, seus desafios e perspectivas na formação de professores/as são objeto desse artigo, para o qual atingir todos os objetivos propostos nesse programa não depende unicamente do empenho dos/as cursistas/as e/ou da dinâmica da formação do curso, pois são necessárias ações também no âmbito político e social. Por tradição econômica, política e cultural os/as professores/as que atuam na Educação Infantil são, em sua maioria, pertencentes às famílias de baixa renda e considerados de modo discriminatório. "A formação, então, não só deve implicar na aprendizagem de conteúdos e conceitos, mas, sobretudo, de valores, princípios e revisões críticas sobre o sistema capitalista e o lugar social e cultural" ocupado por esses agentes, elaborando um autoconceito positivo. A principal defesa dos movimentos sociais é de que o/a professor/a de Educação Infantil deve ser formado/a nos Cursos de Pedagogia, nas Faculdades ou Centros de Educação.

Por fim, apresentamos também a resenha da coletânea organizada por Maria do Carmo Morales Pinheiro, **Intensidades da Infância: corpo, arte e o brincar**, elaborada por Ida Carneiro Martins, como parte deste dossiê.

Quem faz nascer também é nascido de algum modo. Nessa direção, o NEPIE, aqui parindo mais um produto de seus esforços intelectivos, segue, nesse movimento, nascendo e,

assim, se refazendo como espaço que se permite *brincar* com o pensamento e criar outras possibilidades de sentir, ver e pensar a Infância e a sua Educação.

Despedimo-nos de nossos/as leitores/as com um sorriso e convidamos: do jeitinho de uma criança, que tal sonharmos acordados/as?